

FRANKLIN TREIN *

27 FEV 1995

O ensino de primeiro grau já tem um diagnóstico: repetência e evasão, ou as duas juntas. O segundo e terceiro graus também enfrentam uma grave crise, cujas características principais seriam a baixa qualidade e outra vez a evasão.

Muitas análises se referem à baixa qualidade do trabalho acadêmico nos cursos de graduação na Universidade, observando que isto se deve, em boa parte, ao despreparo dos alunos que vêm do segundo grau. No exame vestibular são estabelecidos padrões de aprovação de forma a permitir o ingresso do maior número possível de alunos nos cursos superiores. O resultado é que a educação brasileira criou uma situação paradoxal.

Muitos alunos completamente despreparados para receber uma instrução do nível superior são aprovados para cursar a Universidade. O vestibular, com todos os seus vícios e deficiências enquanto forma de avaliação, é um gargalo estreito pelo qual só consegue passar uma minoria dos estudantes que concluem o segundo grau.

Apesar de que o terceiro grau oferece número relativamente pequeno de vagas, mesmo assim uma boa quantidade permanece não preenchido, uma vez que os candidatos não conseguem obter notas mínimas, geralmente qualquer valor diferente de zero, que já seria suficiente para a aprovação.

São muitas as causas de uma situação tão absurda como esta. Evidentemente uma delas é o descaso com que os nossos governantes tratam a educação há muito tempo, levando o sistema de ensino, no seu todo, a um enorme desprestígio social e à degradação das condições de trabalho

de todos aqueles envolvidos com a educação, seja pelos baixos salários, seja pela falta de recursos materiais.

Outro fator importante na composição do quadro em que se encontra a educação dos segundo e terceiro graus é a política de pesquisa praticada no país nos últimos 25 anos. No auge do chamado *milagre econômico brasileiro* teve início uma etapa importante da política de pós-graduação no Brasil: passou-se a apoiar maciçamente a pesquisa, em detrimento crescente da atenção para com a atividade de ensino. Se a questão "quem ensina o mestre" é tão velha quanto a história, para os nossos políticos ela passou de um problema de difícil solução a um problema para o qual não se buscou mais nenhuma solução.

Somente a pesquisa passou a ter apoio das universidades e dos governos. Só aquele que se fazia pesquisador podia contar com reconhecimento e a sustentação dos órgãos colegiados, dos departamentos às agências de fomento do Ministério da Educação e outras.

A chamada "produção científica" — leia-se pesquisa — passou a ser o critério quase absoluto da avaliação de desempenho das instituições de ensino superior.

A quantidade suplantou claramente a qualidade das pesquisas, como critério de desempenho.

O resultado é que se, na universidade brasileira nos últimos anos, podem ser apontados êxitos significativos na construção dos níveis de pós-graduação das diferentes áreas de conhecimento, não é infelizmente possível negar que houve abandono das atividades de ensino. A capacidade de distri-

buir conhecimentos, principalmente através da formação de novos professores, ficou muito aquém das necessidades.

Hoje o aluno do segundo grau é mal preparado, em boa medida, porque o seu professor foi mal formado no terceiro grau. O professor do segundo grau não recebe nem conteúdos nem métodos e técnicas de ensino que lhe permitem realizar com êxito sua tarefa de mobilizar emocional e intelectualmente seus jovens alunos para as respectivas disciplinas.

Na universidade, hoje, a tarefa de ensinar é atividade menor, que não traz prestígio e menos ainda vantagem salarial ou melhores condições de trabalho. Entendo que a proposta de mudar o sistema de avaliação para o ingresso na universidade, trocando o exame vestibular pela avaliação durante todos os três anos do segundo grau, é mais uma falsa solução. O novo sistema corre o risco de não só trazer outras distorções e injustiças, como certamente não contribuirá para resolver o problema fundamental, que é a crise de qualidade, em todos os sentidos, do sistema de educação como um todo e em particular do segundo e terceiro graus.

É necessário pesquisar e produzir novos conhecimentos, mas neste sentido vale lembrar-nos das sábias palavras de Jaspers: para se poder filosofar é preciso saber filosofia.

Se não formos capazes de ensinar, a própria pesquisa fica comprometida, como certamente já está, disto eu não tenho dúvida.